

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

PEDAGOGIA, SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E INSTRUÇÃO PUBLICA

Sob os auspícios da Direcção Geral da Instrucção Publica
do Estado do Pará

Director:—OCTAVIO PIRES

Summario

- PEDAGOGIA**—HYGIENE DOS INTERNATOS (*Continuação*).
—EDUCAÇÃO PHYSICA (*Continuação*), pelo professor de gymnastica **Alfredo Dias** (Da *Revista de Educação e Ensino*, de Lisboa).
—METHODO DE APRENDER A LER, por **M. Ribeiro de Almeida**.
—OS CASTIGOS CORPORAES E A PEDAGOGIA (Inglaterra).
SCIENCIAS—NOTAS CHRONOLOGICAS, pelo professor **S. Bezerra d'Albuquerque**.
—ASSUMPTOS GRAMMATICAES, pelo professor **Vilhena Alves**.
—DISCURSO, pelo Sr. **Dr. Alvares da Costa** (*Conclusão*).
INSTRUÇÃO PUBLICA—REGULAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA (*Conclusão*).
VARIEDADE—CONVERSÃO D'UM MADRAÇO, comedia em um acto, por **R. Bertholdo Nunes**.
NOTICIARIO.

ASSIGNATURAS

	Semestre	Anno
Capital.	6\$000	10\$000
Interior e Estados.	7\$000	12\$000

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se na Livraria Bittencourt
rua 15 de Novembro

Escriptorio da Redacção:—Livraria Bittencourt

Correspondencia — Caixa do correio, 312
Pará

PARA FEBRES e dores geraes—CAFÉ BEIRÃO.—Evita recaídas.

48—RUA DO ROZARIO—48

Casa de Pekin

Armazem de Louças e Vidraria

44, R. do Cons. João Alfredo

TEMOS actualmente um primoroso sortimento deapparelhos de porcellana e cristaes para o serviço de mesa, vasos para flores, candieiros para cima de consolos e uma infinidade de objectos de luxo e de fantasia; por isso pedimos ao publico o obsequio de fazer suas compras em nossa casa, onde encontrará bonitos e bellos artigos por preços excessivamente modicos.

João Costa & C.^a

CAFÉ BEIRÃO

Remedio infallivel p'ra cura completa das SEZÕES. Evita a recaída.

Pharmacia Beirão, Rua do Conselheiro João Alfredo, proximo ao Jardim das Mercês, defronte do Hotel Central.

Café Quinado "Navegantes"

(LICOR E PILULAS)

Approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene Publica dos Estados Unidos do Brazil

Atestado e receitado por muitos facultativos

Remedio mais poderoso e infallivel para curar radicalmente em poucos dias as SEZÕES (calafrios ou ma-leitas), Febres intermittentes, Paludosas, Remittentes e Perniciosas; inflamações do figado, baço e intestinos.

Preparado unicamente na Pharmacia NAVEGANTES

DE NAVEGANTES PONTES & CORREA

50—Rua 15 de Novembro—50

—PARÁ—

ATHENEU PARAENSE

Estabelecimento de Instrucção Primaria e Secundaria

SOB A DIRECÇÃO DE

Raymundo Bertoldo Nunes

Continua a receber alumnos Internos, Semi-internos e Externos

Successos de Junho ou **O ultimo motim do Pará**
Um volume com 218 paginas 2\$000.

Vende-se na redacção do «Democrata»

Livraria "Bittencourt"

15, Rua Quinze de Novembro, 15

Novo Primeiro Livro de Leitura, pelo professor AUGUSTO PINHEIRO, approvado, pelo Conselho Superior da Instrucção Publica do Estado do Pará, e mandado adoptar nas escolas do mesmo Estado. E' um bonito volume impresso em magnifico papel, intercalado com finas gravuras, contendo 144 paginas, cartonado 1\$000 réis.

Grammatica Portugueza, de FELIPPE PINTO MARQUES. Um volume cartonado 1\$500 réis.

Magnifico sortimento de livros para Instrucção Primaria e Secundaria, encontra-se sempre na

Livraria «Bittencourt»

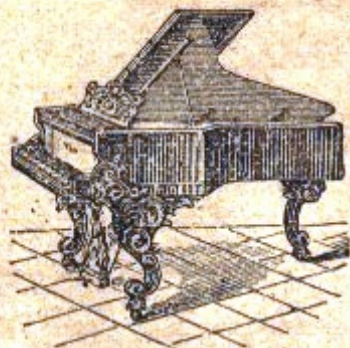
CAFÉ BEIRÃO

Firmo Euzebio Dias Cardoso, Doutor em Medicina pela faculdade da Bahia e Medico da Intendencia Municipal de Belem, etc.

Attesto que em minha clinica tenho obtido magnificos resultados na applicação do — Café Beirão, — não me tendo falhado um só caso em que tenho empregado tão efficaz preparado, principalmente nas febres de origem palustre; o que attesto *in fide gradus mei*.

Belem, 22 de Outubro de 1890,

Dr. Firmo Dias Cardoso.



ALBERTO FRENDE & C.^a

Deposito de pianos e Musicas

Sortimento de magnificos pianos das melhores e mais acreditadas fabricas da Allemanha. Collecções completas de musicas dos melhores autores. Novidades constantemente.

Rua de Santo Antonio, 12

A. DE OLIVEIRA & C.^a

PHOTOGRAPHIA OLIVEIRA

2, R. do Cons. João Alfredo, 2

RETRATOS pelos systemas mais aperfeicoados. Muita perfeição, nitidez e gosto artistico na execução technica dos trabalhos.

3 Premios mensaes aos seus freguezes

Sortimento constante de chapas de varias dimensões e de papel albuminado proprio para amadores.

Cursos do professor J. de Brito Bastos

Est. de S. Jeronymo, 44

Curso Particular

FRANCEZ—Terças, quintas e sabbados, das 8 ás 9 da manhã.

ARITHMETICA—Segundas, quartas e sextas, das 8 ás 9 da manhã.

ALGEBRA—Terças, quintas e sabbados, das 9 ás 10 da manhã.

GEOMETRIA—Segundas, quartas e sextas, das 9 ás 10 da manhã.

TRIGONOMETRIA—Quartas e sabbados, das 10 ás 11 da manhã.

Curso Livre—Lyceu

ARITHMETICA—Terças, quintas e sabbados, das 3 ás 4 da tarde.

ALGEBRA—Segundas, quartas e sextas, das 3 ás 4 da tarde.

GEOMETRIA—Terças, quintas e sabbados, das 4 ás 5 da tarde.

TRIGONOMETRIA—Segundas e sextas, das 4 ás 5 da tarde.



RECEBEM-SE ANNUNCIOS

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR: — OCTAVIO PIRES

VOL. II — NUM. 7

PARÁ — BRAZIL

JULHO DE 1892

PEDAGOGIA

HYGIENE DOS INTERNATOS

(Aos nossos directores de collegios)

VI

DA ALIMENTAÇÃO

Finalizando o nosso escripto passado sobre o thema que nos occupa a attenção, avançamos que a bondade da alimentação humana depende de tres condições necessarias e imprescindiveis: — *qualidade, quantidade e preparo.*

Quanto á primeira condição, os physiologistas distinguem tres qualidades de alimentos: — *os albuminoïdes ou proteicos*, cujos principaes são: a carne, os ovos, o leite, o queijo, o milho, etc.; — *os amylaceos ou amylo-assucarados*, como sejam: o pão, a fecula, a batata, a farinha, o arroz, o feijão, etc.; — e *os graxos ou gordurosos*, taes como: a manteiga, os oleos, a gordura emfim sob qualquer forma.

Eis em um quadro resumidissimo os principaes alimentos qualitativos de que deve sempre lançar mão um bom director de internato, em beneficio da constituição futura, vida e saude da mocidade infantil e adolescente, confiada á sua guarda e direcção. Ha outras especies de alimentos secundarios ou mais fracos, como, por exemplo, o peixe, as aves, os herbaceos, etc., que não convindo fazer d'elles um uso exclusivo e constante, podem e devem entretanto ser empregados de concomitancia ou alternadamente com os primeiros, impedindo-se assim, ou a ingestão de uma certa quantidade só de alimentos muito fortes, que possam perturbar por qualquer forma a di-

gestão ou o habito de entregar ao estomago somente substancias assaz succulentas, que tornariam plethorico o individuo sanguineo e acabariam por fatigar, com o tempo, aquelle orgão,

É preciso, pois, n'estas circumstancias, saber manter um meio termo, attendendo-se sobre tudo á constituição e ao temperamento da criança ou adolescente. E só um director cuidadoso o conseguirá efficaamente, guiado sempre pelos sabios e prudentes conselhos do medico.

Quanto a segunda condição indigitada, — a quantidade do alimento necessario á manutenção da saude humana, depende de uma multidão de pequenas circumstancias, variaveis com a pessoa e o meio em que ella habita. As mais importantes são: — a *idade*, a *constituição* mais ou menos robusta; — o *temperamento*: sanguineo, lymphatico, nervoso ou bilioso; — os *exercicios corporaes* mais ou menos activos; — o *trabalho* mais ou menos prolongado; — o *clima*, a *estação*, a *temperatura*, etc.

É, na verdade, de primeira intuição que a quantidade de alimento precisa na idade infantil, ou para um individuo debil, cujos orgãos têm pouca energia, ou ainda para um lymphatico ou anemico, cujas funcções organicas são lentas, — é sem duvida alguma muito menor, do que a indispensavel na virilidade, ou para o robusto e sanguineo, cujos orgãos e funcções são mais energicos e accelerados. Não é de menos facil comprehensão que a pessoa, exercitando-se mais amplamente ou trabalhando mais longas horas ou dedicando-se a labores manuaes, — reclama certamente uma quantidade maior de alimento, do que quem submete-se a um regimen differente. Nos climas quentes, como o nosso, nas estações calidas e nas horas de calor, o nosso organismo pede muito mais sobriedade, do que nos outros climas, nas outras estações e nas horas de outras temperaturas.

Em França, o ministro da instrucção publica baixou em 1853 o seguinte decreto, relativo á quantidade, qualidade e preparo da alimentação a fornecer aos internos dos lyceus do Estado:

«Art. 1.º O peso da carne cosinhada, desossada e preparada, dado á cada alumno, será assim regulado:

Para os maiores. . . .	70	grammas	por	cabeça	e	refeição
Para os medios. . . .	60	»	»	»	»	»
Para os menores. . . .	50	»	»	»	»	»

«Quando á meza apresentarem-se dois pratos diversos de carne, as duas partes dadas a cada um devem ter um terço demais sobre o pezo supra estipulado.

«O quinhão do professor, que morar no estabelecimento conterà 100 grammas em cada refeição.

«Alguns minutos antes do refeitorio, seja de manhã, seja de noite, e em qualquer dia não invariavel, o economo, o provedor ou seu delegado fará pezar, em sua presença, o conteúdo de um prato, destinado á meza dos maiores, medios ou menores, e dividindo-os por 6, 8 ou 10, conforme o numero dos que ella contiver, se assegurará da fidelidade do pezo regimental.

«As mesmas verificações serão feitas frequentemente pelo reitor ou por um membro delegado do conselho academico.

«O vinho, conforme a sua força, entrará na razão de $\frac{1}{4}$ ou de $\frac{1}{3}$ para a porção de agua fornecida aos alumnos.

«Art. 2.º No começo de cada semana, o *menu* das refeições, apresentado pelo economo, depois de approvado pelo medico, será ordenado pelo provedor, que se conformará com as regras seguintes:

«A refeição da manhã compor-se-á, para todos indistinctamente, de uma sopa ou caldo, no inverno e de uma taça de leite ou de alguns fructos com uma ração de pão sufficiente, durante o verão.

«A carne cozida só poderá figurar no *menu* do jantar tres vezes na semana quando muito, e n'esses dias os alumnos terão um segundo prato de carne.

«Quando o jantar compozer-se de um prato só de carne, esta deverá ser assada ou grelhada.

«Nos dias de festa, um prato de carne será sempre servido na ceia.

«Nos dias magros, os legumes aquosos, confeites, fructos, etc., serão substituidos por um segundo prato mais substancial, de peixe, ovos, farinaceos, etc.

«A duração do jantar deve ser de $\frac{1}{2}$ hora e a da ceia, 20 minutos no minimo.»

Seguem-se ainda mais dois artigos, porém de menor importancia.

Quanto a terceira condicção, emfim, — o modo de preparação do alimento é tão digno da attenção de um zeloso director de internato, como os requisitos precedentemente citados. Com effeito, de que serviria a sua optima qualidade e a superabundante quantidade, si o aspecto, o cheiro ou o gosto de um manjar fosse repugnante, si o adubo não excitasse o apetite, ou si a acção insufficiente do fogo tornasse o alimento duro e indigesto? . . . Desde que o estomago repelle ou não digere, a alimentação torna-se miseravel, provocando no ultimo caso a fadiga do orgão que se estraga, originando-se d'ahi uma grande par-

te d'essas dyspepsias, de que se queixa um bom numero de moços.

Infelizmente, um dos grandes defeitos e um dos grandes males da maioria, pelo menos, dos nossos collegios, se não de todos, é a cozinha. Muito desejamos ser inverosimil, mas bem contra gosto nosso cremos ser mais do que fieis.

No proprio collegio do Governo, onde se ministra a educação domestica á uma centena de meninas, mocinhas e moças, quantas vezes, temos nós ouvido referir, assim como chegam os generos do mercado assim vão para vastas caldeiras, sem a mais simples e rapida lavagem, sem uma dosagem conveniente dos temperos, sem tempo bastante a estarem, á hora regimental da refeição, devidamente preparados! . . . Quantas vezes temos nós ouvido relatar, a turma de educandas, de semana na cozinha, não tem testemunhado a presença de insectos, de productos extranhos, etc., na ebulição das sopas! . . . Baste a simples lembrança de um só factó d'estes, tão asqueirosos, tão repugnantes, para fazer perder o apetite á vontade mais fomelica.

O asseio, a consistencia, a condimentação e a variedade: eis os requisitos essenciaes ao optimo preparo do alimento humano.

Abstemo-nos de entrar na analyse de cada um d'elles separadamente, por nos parecerem todos tão claros e tão importantes, que dispensam todo e qualquer commentario a proposito. Apenas contentamo-nos em prevenir as objecções que por ventura possam surgir quanto aos dois ultimos.

É impossivel, dirá muita gente boa, condimentar e variar satisfatoriamente a alimentação de um internato, attento o numero quasi sempre avultado de alumnos, em parallelo com a modica pensão que pagam.

Não é preciso nem se exige uma grande quantidade de apimentado nos alimentos da infancia e da adolescencia. N'estas quadras da vida, o orgão digestivo é sufficientemente actiyo e energico, dispensando por isso todos os excitantes. O que se requer, o que se pede, é que os adubos sejam de tal maneira regrados, que os accessorios entrem em uma proporcionalidade tal, a dar ao preparado um certo paladar aceitavel e mesmo agradavel ao alumno.

Para contestarmos a diffiuldade de variedade, basta que transcrevamos em seguida a lista do refeitorio de um dos lyceus de França, durante duas semanas consecutivas:

SEGUNDA-FEIRA

Almoço — Sopa à l'oignon.

Jantar — Sopa Juliana; fricandó de vitello, feijão cozido.

Ceia — Carne assada, legumes á jardineira.

TERÇA-FEIRA

Almoço — Sopa de leite.

Jantar — Sopa succulenta, cozido com rabanetes, salchichas com arroz.

Ceia — Carneiro assado em brazas, crème do baunilha.

QUARTA-FEIRA

Almoço — Queijo crème.

Jantar — Sopa de coves, vitello assado, espargos com oleo.

Ceia — Carne a provençal, macarrão tostado.

QUINTA-FEIRA

Almoço — Chocolate de leite.

Jantar — Sopa de macarrão, cozido com molho inglez, gallinha assada, biscoutos.

Ceia — Carneiro assado, compota de ameixas.

SEXTA-FEIRA

Almoço — Sopa de ervilha moida.

Jantar — Sopa de aves, peixe fresco, batatas, queixo crème.

Ceia — Ovos, bolos de arroz.

SABBADO

Almoço — Manteiga fresca.

Jantar — Sopa de legumes, *escalopes* de vitello, couve-flor em molho branco.

Ceia — Carne guizada, queijo de Brie.

DOMINGO

Almoço — Café com leite.

Jantar — Sopa succulenta, cozido com coves, presunto fresco a Soubise, morango.

Ceia — Carneiro guizado, salada.

SEGUNDA-FEIRA

Almoço — Confeites.

Jantar — Sopa de ervilha moida, rosbif, alcachofras com oleo.

Ceia — Mantinhas de carneiro, torta de confeites.

TERÇA-FEIRA

Almoço — Sopa de leite.

Jantar — Sopa succulenta, cozido com cove, fricandó de aves.

Ceia — Carneiro assado, legumes á jardineira.

QUARTA-FEIRA

Almoço — Juliana.

Jantar — Sopa magra, *blanquette* de vitello, ervilhas.

Ceia — Carne cosida, bolo de massa.

QUINTA-FEIRA

Almoço — Chocolate de leite.

Jantar — Sopa succulenta, cozido com molho picante, vitello em ravigotr, cerejas.

Ceia — Carneiro guizado, salada.

SEXTA-FEIRA

Almoço — Sopa de aves

Jantar — Sopa de macarrão, atum (peixe) de escabeche, feijão em molho, queijo gruyère.

Ceia — Omelettes, crème de chocolate.

SABBADO

Almoço — Queijo-crème.

Jantar — Sopa de ervilhas moida, vitello assado, couve-flor em oleo

Ceia — Carneiro assado com cenouras, compota de ameixas.

DOMINGO

Almoço — Cerejas.

Jantar — Sopa succulenta, cozido com rabanetes, costeletas de carneiro, cerejas.

Ceia — Mantinhas de vitello, feijão em salada.

 EDUCAÇÃO PHYSICA

(Da *Revista de Educação e Ensino* de Lisboa)

(Continuação)

São os rapazes educados d'esta fôrma, que se tornam muito sensiveis e nervosos, e que, quando chega a época propria, se apaixonam pela primeira mulher que lhes apparece, que se deixam seduzir por ella, se impressionam, e por causa d'ella commettem mil loucuras, terminando muitas vezes pelo suicidio, quando se vêm perseguidos pelos infames especuladores que os perseguem, que os provocam, que os farejam, que lhes facilitam transações e dinheiro, quando lhes observam nos seus horisontes futuros, traduzido na fortuna dos paes, meio de rehaverem o que traiçoeiramente roubaram por uma agiotagem criminosa, em face das consciencias puras.

Será um caso anormal encontrar um suicida robusto e musculoso; são sempre as creaturas anemicas, nervosas, de vida sedentaria, as que rompem n'este accesso, que muitos dizem ser uma covardia e outros a consequencia d'um estado pathologico latente. Pela minha parte inclino-me para esta ultima opinião.

No nosso paiz, ainda que queiramos recorrer ás estatisticas, poucas ha; sobre este ponto não as conheço. Não podemos pois justificarmos com cifra. O que é certo, o que se pode apurar pela leitura noticiosa, é que nas povoações, nas aldeias, nas cidades de terceira ordem, etc., o suicidio é rarissimo, o que justifica em grande parte a nossa opinião. N'este ponto o systema educativo é outro muito diverso, as crianças são criadas, pode dizer-se ao tempo, expostas ao sol, á chuva e o frio, têm uma vida livre, passam dias inteiros correndo pelos campos, trepando ás arvores, fazem a maior parte uma gymnastica natural, que é sempre verdadeira quando se trata de educação. *Mens sana ànt corpore sano.*

*
* *

A parte puramente cinesiologica consagra-a-hemos hoje á mocidade animal; será a introdução de uma analyse que projectamos fazer dos exercicios que submettemos, em tempo, á apreciação do Conselho de Hygiene da Camara Municipal de Lisbôa, os quaes foram approvados.

Encontram-se indicados n'um folheto que tem por titulo — *Apontamentos para a reforma e historia da educação physica em Portugal*, que só se vende em casa do autor, o signatario deste artigo.

*
* *

Os ossos, as articulações e os musculos, são as partes do corpo essenciaes á locomoção. Não nos occuparemos em especial d'ellas, porque não é n'este momento occasião de o fazermos e supponhamos mais ou menos conhecidas do leitor.

Vamos, pois, fazer algumas considerações acerca do mechanismo em geral.

O ponto fundamental da mechanica animal é a determinação do genero de alavancas representadas pelos ossos que os musculos põem em movimento. Exceptuam-se alguns musculos estriados que põem em movimento o coração, os sphincters, etc., cuja contracção não actua sobre alavancas de qualquer genero. ¹

Como o leitor sabe, a mechanica distingue tres generos de alavanca. A sua classificação está dependente dos pontos da applicação da *potencia* e da *resistencia* em relação aos pontos de apoio.

As tres especies de alavanca são:

Alavanca de primeira especie

R □ A P

é aquella em que o ponto de apoio (A) se encontra entre a potência (P) e a resistencia (R).

A alavanca da segunda especie,

A P □ R

é aquella em que a *potencia* (P) está collocada entre o *ponto de apoio* (A) e a *resistencia* (R).

A distancia entre os pontos de applicação das forças (*potencia* e *resistencia*) e o *ponto de apoio*, chama-se braço da alavanca. Temos pois a considerar dois braços em cada alavanca; o da *potencia* e o da *resistencia*.

Para que as duas forças, *potencia* e *resistencia*, se equilibrem n'uma alavanca, é preciso que as suas intensidades estejam na razão inversa dos braços; expressando-me por outra forma, á mais pequena força deve corresponder o maior braço da alavanca.

— Quanto mais o braço da alavanca da *potencia* predominar sobre o da *resistencia*, menor está o esforço a desenvolver.

Vê-se, pois, que, das tres especies de alavancas, a mais vantajosa, é a da segunda especie, porque, n'esta o braço da alavanca da *potencia* é sempre superior em comprimento ao da *resistencia*; e a menor é a terceira especie, em que se dá o inverso. Na alavanca da primeira especie, a *potencia* varia com a posição do ponto d'apoio

Façamos applicação d'estes principios á machina animal.

N'estas as alavancas são os ossos; os musculos a *potencia*; a *resistencia* é representada pelo peso da parte a mover.

Quanto ao *ponto d'apoio* é variavel e representado especialmente pelas articulações e pelo solo.

Alavanca da primeira especie

É a mais favoravel ao equilibrio. No corpo humano encontram-se alguns exemplos nas seguintes articulações: *occipio-athoidéa*, *coreo-femural* e *tibio-tarrica*.

Por estes exemplos, vê-se que esta especie de alavanca se encontra no homem, sobre tudo em equilibrio, quando este se conserva de pé.

Alavanca da segunda especie

É, como disse, a mais favoravel para vencer a *resistencia*.

Esta especie de alavanca está pouco espalhada no corpo humano; encontra-se principal exemplo na articulação *tibio-tarrica* quando nos pomos nas pontas dos pés e quando andamos. N'esta especie de alavanca, o braço da *potencia*, mais comprido que o da *resistencia*, necessita um desenvolvimento de força menos consideravel da parte do *triceps-sural* para levantar o peso do corpo durante a marcha.

Temos um outro exemplo d'esta alavanca nas articulações das *phalanges*, *phalaginas* e *phalangétaz*, quando estas suspendem um peso pelo seu anel.

(Continúa).

ALFREDO DIAS, professor de gymnasticas.

¹ Os musculos tomados em unidade de peso, têm mais de metade do que pesa o corpo humano.

METHODO DE APRENDER A LER

Aprende-se a ler por qualquer syllabario. Todavia não se pôde pôr em duvida a alta importancia de um bom methodo de leitura, porque não é indifferente o emprego dos meios que provoquem a reflexão ou deixem inactivas as faculdades do espirito; que facilitem ou retardem este primeiro ensino que é a base de toda a instrucção.

Quem sabe ler, diz Duchos, sabe a mais difficil de todas as artes. Ora, se aprender a ler é cousa difficil, ainda mais difficil é quando não ha methodo no ensino.

Em geral nos syllabarios adoptados em nossas escolas nota-se sobre tudo a falta de methodo.

Não obstante, alguns d'elles são apregoados pela facilidade com que se consegue aprender a ler em poucos dias! É preciso desconhecer as leis mais elementares do desenvolvimento intellectual para acreditar em tão prodigioso resultado, sendo de todo impossivel conseguil-o pelos methodos mais regulares e que mais se recommenda por seus fundamentos phylosophicos, ¹ porque tambem é impossivel exigir com proveito da intelligencia infantil um esforço superior ás suas forças.

A natureza não dá saltos. Isto não é só verdade quanto ao desenvolvimento physico; é verdade tambem quanto á marcha do nosso espirito no exercicio das suas operações.

O methodo, pelo que respeita á pedagogia, consiste na ordem que um autor segue na sua exposição. Mas esta ordem não pôde ser arbitraria. Quer o autor se proponha a escrever um syllabario, quer uma grammatica, quer um tratado de zoologia, etc., é indispensavel fazer a classificação das partes da materia, comprehendendo em cada classe os objectos da mesma natureza, e depôl-as em uma ordem racional e progressiva.

Dividir e classificar, taes são as operações do methodo. A divisão facilita o estudo dos factos que a classificação reúne em uma só idéa geral.

Compreende-se facilmente quanto deve auxiliar o trabalho intellectual da criança a disposição dos elementos da palavra em uma ordem logica, de maneira que uma lição sirva de preparo á seguinte. Desde que o menino lê, por exemplo, *pe-a-pa*, *be-a-ba*, nenhuma difficuldade terá, logo que se lhe apresente a letra *t*, de juntal-a á vogal como havia praticado com as antecedentes. Quando, porém, expondo-se uma consoante, se dão em seguida as applicações que ella pôde ter na composição da palavra, interrompe-se o nexa da marcha do ensino; e passando a outra consoante, não poderá syllabar com tanta facili-

dade, como no primeiro caso, levado somente pela analogia das syllabas. D'aqui a necessidade de classificar as syllabas e os seus elementos, e de conservar na sua exposição o encadeamento e a ordem gradual que são os principaes meios de aplanar as difficuldades. Quanto mais analogia tiverem as syllabas entre si, tanto mais facil será comprehender o emprego das letras na palavra.

A disposição das letras no alphabeto é inteiramente convencional. Vogaes e consoantes, e ainda entre estas ultimas, as que procedem dos orgãos vocaes mais oppostos estão alli confundidos. É preciso, pois, dividir as letras em dois grupos muito distinctos, e classificar as consoantes segundo a affinidade que apresentam, dispondo-as, como diz Soares Barbosa, pela ordem mesma da sua geração e da graduação do mecanismo mais facil para o mais difficil, que a natureza segue quando pouco a pouco vae desenvolvendo os orgãos infantis.

A classificação das consoantes, geralmente adoptada pelos grammaticos e pedagogistas, é a seguinte: labiaes, dentaes, palataes e gutturaes.

Na combinação da vogal com a consoante para formar syllabas, notam-se dous casos muito distinctos: a syllaba termina em vogal ou em consoante. São syllabas de diversa natureza que apresentam difficuldades differentes, e por conseguinte devem ser classificadas separadamente.

Mas tanto as vogaes como algumas consoantes unem-se entre si para formar outros sons e outras articulações. Temos pois vogaes e consoantes compostas que devem ser igualmente classificadas.

Ainda mais. Algumas articulações elementares da palavra são representadas por signaes que mudam de valor segundo sua combinação; outras o perdem completamente tornando-se mudas ou nullas. Ora, um methodo de aprender a ler não pôde prescindir das irregularidades e anomalias da orthographia e da pronuncia que, por sua vez, devem ser tambem classificadas.

A regra de Quintiliano: *Syllabis nullum compendium est, perdiscendo omnes*, é um axioma demonstrado pela razão e pela experiencia. Sem um estudo regular dos sons e das articulações da nossa lingua, e das suas differentes combinações na composição da palavra; sem conhecer as irregularidades da orthographia e da pronuncia, é bem de ver que o menino não fica habilitado para ler correntemente. Das lacunas e imperfeições do ensino resultam cordilheiras de difficuldades que elle só poderá vencer depois de muito tempo e á custa de muito trabalho.

Já dissemos que as diversas classes em que a materia é dividida devem ser dispostas em uma ordem racional e progressiva. O espirito humano está sujeito em seu desenvolvimento a leis regulares, com as quaes o ensino

¹ Por um bom methodo de leitura, aprende-se a ler em tres mezes.

deve conformar-se. Assim para accommodal-o ás necessidades da intelligencia é preciso que as difficuldades se succedam em uma ordem systematica indo do simples para o composto, do mais facil para o mais difficil, de maneira que o espirito caminhe sem transições bruscas, apoiando-se no que sabe para chegar ao que ainda ignora. Só depois de ter o menino aprendido a ler palavras em que todas as letras se pronunciam, é que deve entrar no conhecimento das que admittem letras que têm apenas um valor etymologico. De sorte que todo o systema de nossa lingua escripta vae-se desenvolvendo e completando progressivamente.

Os exercicios praticos entram tambem na economia do methodo. As syllabas só por si nada significam e nada dizem á intelligencia da criança, por conseguinte nenhum interesse lhe inspiram; assim cada lição deve ser acompanhada de exercicios de applicação por meio de palavras em que entrem elementos já conhecidos, e de phrases curtas, de facil comprehensão que lhe dêem a conhecer a utilidade da leitura.

Quando o ensino segue uma marcha racional põe em actividade as forças vivas da intelligencia. A criança vae conhecendo as letras e o emprego d'ellas na palavra, vae comprehendendo o mecanismo da leitura e toma gosto ao estudo, animada pelos resultados obtidos. Ao contrario, quando se vê embaraçada a cada passo por difficuldades de differentes naturezas, só pôde convencel-as com muito esforço da memoria. A falta de ordem methodica leva necessariamente a confusão a seu espirito, o ensino não lhe offerece o menor attractivo e então apodera-se d'ella o maior inimigo da instrucção: o aborrecimento.

M. RIBEIRO DE ALMEIDA.

OS CASTIGOS CORPORAES E A PEDAGOGIA

Inglaterra

«Na Inglaterra, a tradição dos açoites e das varas é tão antiga como em França e tem-se conservado mais tempo. No seu tratado — *De pueris instituendos*, — Erasmo fornece a este respeito iuteressantes detalhes. «Eu conheci, diz elle, um celebre theologo que á vista de seus alumnos não podia saciar-se de tratamentos crueis, posto que tivesse ás suas ordens bravos mestres surradores. Elle acreditava ser este o meio unico de rebaixar o orgulho das creanças e de domar-lhe os impetos da idade.

«Não havia festa alguma em sua escola sem que, para

terminal-a alegremente, não fizesse correr pela sala uma ou duas creanças á chibata.

«Chegava a vergastar os proprios innocentes com o fim de habitual-os aos açoites. Eu mesmo assisti á uma d'estas execuções. Depois do jantar, mandou elle buscar, eonforme o seu costume, uma creança, que pareceu-me ter dez annos: era um novo alumno que tinha apenas deixado a casa materna. O theologo começou por dizer-me que a mãe de menino era uma senhora distincta pelas suas virtudes, e que ella tinha-lhe recommendado o seu filho de um modo muito particular. Depois, procurando um pretexto de castigo, poz-se elle a reprehender á pobre creança, não me lembro já porque orgulho, posto que a physionomia d'esta não denunciasse crime algum, e fez signal ao sub-censor da escola para surral-a. Este lançou-a por terra e a espancou como se houvesse commettido um sacrilegio. O theologo disse uma ou duas vezes ao executor: Basta. O barbaro, porém, surdo de embevecimento, continuou a sua traefa até que o paciente logrou escapar. Então o theologo voltando-se para nós, accrescentou:

«Elle não commetteu falta alguma, mas é preciso humilhal-o. Foi o termo de que servio-se.»

«O uso do açoite, o «flogging», ainda existe nas escolas inglezas.

«No collegio, só o director tem o direito de açoitar, e elle não delega esta attribuição á pessoa alguma; elle açoita em boa fé qualquer creança que lhe seja enviada por um professor. Na sala das aulas da grande escola publica de Winchester figura a seguinte inscripção que se refere ao alumno: *Aut disce, aut discede; manet sors tertia, cedi. Ou aprende, ou retira-te; em terceira hypothese, apanhas açoites.* Um joven gentleman de seis pés de altura estava em vespuras de deixar o collegio de Eton; tinha sido commissionado na cavallaria e devia incorporar-se no regimento em dez dias o mais tardar; estava prompto. Na embriaguez da sua liberdade, elle teve a infelicidade de fazer libações muito copiosas antes de partir, e teve de soffrer doze açoites de correia.¹

«Em certos lugares, o tradicional açoite é substituido por processos menos barbaros. «Nós assistimos, dizem Demogeot e Montucci, á uma execuçõesinha no Christ's Hospital, onde a pena inflingida nada tinha de degradante. O professor, munido de um junco flexivel, mandava o alumno conservar a mão aberta, e lhe batia assim na palma repetidas vezes.

«Algumas occasiões havia em que falhava a pancada,

¹ Brinsley-Richard, *Sete annos em Eton*, citado por Gréard, — *O espirito da disciplina na educação*.

mas não era por culpa do alumno, que mantinha com bravura estendida ora a mão direita, ora a esquerda, sem dar o menor signal de retiral-a.

«Via-se mesmo que elle caprichava em não gritar, posto que seus olhos se mostrassem ligeiramente humidos.»²

«Estes castigos corporaes não são impopulares quer entre os mestres quer entre os proprios alumnos. Um dos grandes pedagogos da Inglaterra, o Dr. Arnold, escreveu uma elegante dissertação em prol do açoite. Um director da escola de Chartreuse, inimigo do castigo corporal o substituiu um dia pela multa; os alumnos sublevavam-se em gritos de: «A baixo a multa! Viva o açoite!» O açoite foi restabelecido. «Então sentimos o coração alegre, disse o alumno de Chatreuse que nos referia este curioso episodio. No dia seguinte ao da abolição da multa, quando entramos para a aula, encontramos um soberbo feixe de varas, que foram, durante as duas horas de lição, conscienciosamente utilizadas.»

(*Prosegue.*)

(ALEXANDRE MARTINS, *A educação do caracter*).

SCIENCIAS

NOTAS CHRONOLOGICAS

VII

ANNOS, MEZES, DIAS E SEMANAS, CONFORME A CHRONOLOGIA DOS POVOS ANTIGOS E MODERNOS

Chronologia dos Egepcios

(Continuação da segunda reforma do Calendario)

(*Periodo egepcio de 4 annos. Cyclo Sothiaco*)

A definitiva reforma do calendario dependendo da determinação do anno tropico ou equinoxial, cujo valor devia regular o anno civil, julgamos conveniente dar uma idéa d'aquelle anno solar e dos effeitos da precessão dos equinoxios. Por isso, em o numero passado, nos afastamos algum tanto do assumpto, para precedel-o de certos esclarecimentos que, sem duvida, o tornam melhor comprehendido.

Tratemos agora da 2.^a reforma do anno egepcio.

Depois da 1.^a correcção, o anno contava 365 dias exactos com o accrescimento dos 5 dias *nisi* ou epagomenos, para que elle não se apartasse *jamaiz* do verdadeiro movimento annual do sol.

Nos primeiros annos da reforma, as cousas iam regulando aparentemente bem: o solsticio e as enchentes do Nilo eram annunciadas pelo nascimento heliaco de Sirio, e este facto parecia succeder no 1.^o dia do mez de Thoth ou dia de *anno bom*; as phases da lua, as festas religiosas, as estações, tudo, emfim, era regularmente indicado pelo calendario.

Fizeram-se as festas da consagração do anno e das estações em honra de Iris e Osiris; o culto de Sirio ou Sothis foi restabelecido pela crença de que este *não mudaria mais os tempos*, e estaria todos os annos ao lado de Rá, para annunciar, como um mensageiro celeste, as benéficas inundações do Nilo.

Alguns annos depois foi-se notando que a chegada do sol e de Sirio no momento do solsticio do estio não coincidia com o 1.^o dia de *Thoth*, porque nesse dia os dous astros não estavam juntos.

Nenhuma duvida restava já dos defeitos da 1.^a reforma, quando novas e successivas observações descobriram um periodo de annos civis em que havia um dia de menos a respeito do anno solar.

Este periodo era de 4 annos, no fim dos quaes, a somma das differenças de cada anno da serie perfazia um dia de retrogradação do solsticio. Por exemplo, se este, em um anno, cahia a 10 de *Thoth*, d'ahi a quatro annos verificava-se a 11 do mesmo mez, e nos periodos successivos, a 12, 13, 14, etc.

Para um povo tão supersticioso, como os antigos egepcios, para quem tudo era obra dos deuses, ou dos genios máos que atormentavam os homens, propondo-lhes enigmas indecifráveis, a causa dessa retrogradação devia parecer-lhe tão inexplicavel, como as terriveis perguntas das medonhas esphinges.

Mas a descoberta do periodo de 4 annos, foi para os padres de Thebas ou de Memphis a chave do enigma; e facilmente o decifraram dando mais 6 horas a cada anno do periodo.

E com effeito, esperaram o subsequente solsticio, e contaram o 1.^o de *Thoth*, seguindo até o 5.^o dia *nisi*, exactamente de 365 dias, como nos annos anteriores; tres annos successivos foram assim contados; ao 4.^o anno augmentaram um dia intercalar, ficando o anno civil com 366 dias, de 4 em 4 annos.

Este periodo era conhecido na antiguidade sob a denominação de *periodo egepcio de 4 annos*. Eis ahi a origem do nosso anno bissexto.

² *Do ensino secundario na Inglaterra e na Escossia.*

A 2.^a reforma assim estabelecida foi desde logo produzindo bons efeitos, mas encontrou opposição no povo, porque o anno consagrado aos deuses era de 365 dias sem intercalações quaternarias, ao passo que o anno de 365^d 6^h era pura invenção dos homens, sem assistencia da divindade.

Não obstante, todos reconheciam as vantagens do novo estylo, fixando as epocas dos usos civis, como a navegação, os trabalhos dos campos, etc., entretanto que o velho estylo, regulando-se por um anno vago, fazia retrogradar as estações e os dias das festas religiosas. Mas, para satisfazer ao espirito eminentemente religioso dos egypcios, empregaram-se os dois annos: o 1.^o chamado civil ou *rural*, e o 2.^o, *vago, erratico* ou religioso. Este ultimo servia para regular as festas religiosas, que, retrogradando todos os dias do anno, effectuavam-se em todas as estações, afim de que estas, segundo a crença do povo, ficassem santificadas, gosando cada uma, por sua vez, das esplendorosas festas de Isis e de Osiris.

Mantido, pois, o anno vago, achava-se elle para com o anno rural ou fixo nas mesmas relações em que esteve anteriormente com o anno solar, isto é, com um dia de atrazo, de 4 em 4 annos.

D'este desaccordo resultava que só no fim de 1460 revoluções solares, o anno vago coincidia com o anno rural, para depois recommençar cada um a sua marcha desencontrada.

O anno vago tinha somente 365 dias; no fim de 4 annos retrogradava um dia; para que o 1.^o dia do anno vago correspondesse ao 1.^o dia do anno civil ou rural de 365^d 6^h, precisava retrogradar 365 dias e 6 horas, no decurso de 1461 annos:

$$365,25 \times 4 = 1461$$

Durante esse tempo, o anno civil ou rural, seguindo a marcha do sol, effectuava somente 1460 revoluções, porque, de 4 em 4 annos, augmentava um dia a respeito do anno vago de 365 dias:

$$355 \times 4 = 1460$$

Emfim, 1461 annos de 365 dias tinham a mesma duração que 1460 annos de 365 dias e $\frac{1}{4}$, effectuando-se o ajuste no momento da elevação heliaca de Sothis ou Sirio.

Este longo periodo de 1461 annos se chamava *cyclo Sothico, ou Sothiaco, magno cyclo Canicular* ou *grande anno de Thoth*, e tinha por symbolo a Phenix de Osiris, significando a coincidência do anno vago ou religioso com o anno sothico, depois de 1460 revoluções solares. Era a Phenix de Osiris renascendo das suas proprias cinzas.

Taes foram os primeiros passos da chronologia, que chegou no Egypto a um certo gráo de aperfeiçoamento,

embora revestido de concepções mythologicas; e é para admirar ter-se feito a 2.^a reforma sem a intervenção de Thoth, o divino sabio, que imprimiu o seu nome em todos os grandes melhoramentos que illustraram aquelle paiz: pois d'esta vez não foi invocado para corrigir os erros que deixara no calendario. A fabula não presidiu a esta grande collaboração scientifica, fixando as bases da chronologia civil, adoptada depois por todos os povos com as modificações, segundo os tempos e os logares. E entretanto havia um fecundissimo assumpto para a fabula expandir-se com todo o seu ingenho inventivo e idiosyncratico. O dia intercalar, formado de 4 em 4 annos e addicionado ao anno civil, não seria o dia que Thoth deixou de reserva, para mais tarde ajustar o anno com o movimento do sol?

Basta a succinta revisão que fizemos sobre os trabalhos da chronologia egypcia, para nos convencer de que os padres de Thebas ou de Memphis estabeleceram definitivamente as principaes bases da chronologia astronomica e civil; o que bem prova o quanto estavam elles adeantados em astronomia.

O magno cyclo sothiaco é citado pelos autores como a evidente prova dos altos conhecimentos astronomicos dos egypcios, o que faz admittir que os antigos habitantes do valle do Nilo conheciam com exactidão o valor do anno tropico, a base primordial da chronologia civil.

Anno civil egypcio	365 ^d 6 ^h 0 ^m 0 ^s
Anno tropico actual	365 ^d 5 ^h 48 ^m 51 ^s
Differença	11 ^m 9 ^s

Afirmam alguns autores que o verdadeiro anno solar, em epoca excessivamente recuada, tinha a duração de 365^d 6^h para o meridiano de Thebas.

Sendo assim, a exactidão do anno civil egypcio estava ao abrigo de qualquer objecção; mas, variando o anno solar com a successão dos tempos, como reconhecem todos os astronomicos, e não variando com elle o anno egypcio, é claro que este continha um defeito que só podia corrigir-se com a determinação do verdadeiro anno solar ou anno tropico.

Ora, os calculos mais exactos sobre a variação do anno solar constataam que o anno tropico no tempo de Hipparco, a quem se attribue a descoberta da precessão dos equinoxios, tinha 11^s mais do que tem hoje, e mais 19^s no tempo em que Thebas foi a capital do mundo, ao todo mais 30^s do que o actual. Portanto, o valor do anno tropico mais antigo que se conhece (suppomos) era de 365^d 5^h 49^m 21^s; o excesso do anno civil egypcio sobre o anno tropico era um pouco menor do que o primeiro resultado, isto é, $10^m 39^s = \frac{839}{86400}$ ou 0^d,007395.

O anno civil para ser *fixo* é preciso estar de accordo

com o anno trópico, isto é, com a retrogradação ou precessão dos equinoxios e solsticios, afim de que estes phenomenos não se antecipem nem se atrazem a respeito dos tempos *fixados* no calendario.

Se os astrônomos de Thebas ou de Memphis, não tivessem attendido a esta circumstancia, os solsticios deveriam antecipar-se o tempo que o anno egypcio contava de mais sobre o anno tropico: — $10^m 39^s$: e n'esse caso o anno *rural* seria tambem *vago*. O erro accumulando-se annualmente, no fim do cyclo sothiaco (1461 annos) produziria necessariamente um accrescimento de 10 dias e algumas horas:

$$1461 \times 0,007395 = 10^d,804095 \text{ ou } 10^d 19^h 17^m 53^s,$$

Este accrescimento accumulando-se tambem por sua vez de cyclo em cyclo, tornaria impossivel a concordancia do anno *vago* com o *rural*.

Para manter esta concordancia e neutralizar a causa do erro, fôra preciso supprimir-se no decurso do cyclo a superfetação de 10 dias, um a um, á proporção que elles se fossem formando.

Ora, o mais leve exame conduz a evidencia de que os chronologistas egypcios não poderiam determinar o cyclo sothiaco, tão exacto, como affirmam os autores, se ignorassem o valor do anno tropico.

Não são conhecidos, ou pelo menos não estão vulgarizados, os processos empregados pelos sabios do Egypto para a correcção dos erros do cyclo, os quaes (parece-nos) não ficariam compensados naturalmente com os erros dos *dois annos*, como factores d'aquelle grande producto chronologico. Muitas combinações poderiam ser feitas para a suppressão dos 10 dias excedentes; e deveriam versar principalmente sobre periodos as series de annos que contivessem pelo menos um d'esses dias; e o calculo mostra que esses periodos não poderiam ser de menos de 135 annos.

Entendemos que o verdadeiro cyclo sothiaco é o de 1460 annos, baseando-nos na opinião de muitos autores; outros, porém, sustentam que é o de 1461.

Admittindo este ultimo como o verdadeiro, indicamos em seguida um meio facilimo para effectuar-se a suppressão dos 10 dias de que tratamos.

Se 1461 annos produzem $10^d,814095$ de excesso, quantos annos devem produzir um dia?

$$10^d,814095 : 1^d :: 1461^a : x; x = \frac{1461}{10,814095} = 135 \text{ annos}$$

Como 135 annos produzem um dia a mais, está claro que só no fim de 270 annos poder-se-iam contar dous dias; portanto cada periodo podia variar de 135 a 269 annos.

Determinado o periodo, escolher-se-ia um anno *bissexto*, que assignalasse o principio ou o meio ou o fim

d'essas divisões do cyclo; esse anno ficando considerado *commun*, seria o mesmo que supprimir o dia que o periodo devia produzir, sem alterar a ordem da successão dos annos bissextos. Esta suppressão constitue o que em chronologia chama-se equação solar; effectuadas, pois 10 equações successivas com intervallos iguaes, completar-se-ia o cyclo sothiaco de 1461 annos sem a menor alteração.

Parece-nos que seria mais commodo para o computo, dividir o cyclo em periodos de 146 annos, juntando áquelles um anno complementar, que seria o ultimo do cyclo, ou dividil-o em 9 periodos de 146 annos e um de 147.

Em qualquer das hypothèses, a equação solar deveria ser feita no anno centesimo de cada periodo, tanto por ser bissexto, porque 100 é multiplo de 4, como por despertar bem a memoria.

Como exemplo, damos em seguida um calculo relativo á 2.^a hypothese:

$$\begin{array}{l} 9 \times 146 = 1314 \times 0,007395 = 9,717030 = 9^d 17^h 12^m 31^s \\ 1 \text{ periodo de } 147 \times 0,007395 = 1,087065 = 1^d 2^h 5^m 22^s \\ \hline 10 \times 146 + 1 = 1461 \times 0,007395 = 10,804095 = 10^d 19^h 17^m 53^s \end{array}$$

E ter-se-ia d'esta forma resolvido, ainda que empiricamente, o problema do grande cyclo sothiaco dos egypcios.

Resta-nos ainda fazermos umas breves considerações sobre a estrella Sothis ou Sirio e sobre a divergencia dos egyptologos a respeito da chronologia egypcia.

SEVERIANO BEZERRA D'ALBUQUERQUE.

ASSUMPTOS GRAMMATICAES

A OLHOS VISTOS

Alguns escriptores fazem a concordancia do participio *visto* com o nome do objecto que se vê: *a olhos visto, a olhos vista, a olhos vistos, a olhos vistas*. Outros, porém, são de opinião que o participio deve sempre ficar no plural, concordando com *olhos*: A OLHOS VISTOS. E Constancio dá a razão d'esta apparente anomalia grammatical, dizendo que o participio *vistos* é ahi usado em sentido activo, significando — *que vêm, que se fixam em um objecto*.

Esta é a opinião mais razoavel, pois temos em portuguez muitos participios que são verdadeiros *depoentes*, isto é, que perdem, que *depõem* a sua significação propria para tomarem outra inteiramente contraria.

Ora, assim como *homem lido* quer dizer HOMEM QUE LÊ; *almoçado*, QUE ALMOÇOU; *atrevido*, QUE SE ATREVE; *engraçado*, QUE TEM GRAÇA OU DIZ GRAÇAS; assim a ex-

pressão *olhos vistos* pode perfeitamente ser tomada no sentido activo com a accepção que lhe dá Constancio.

Aulete diz:

«*A olhos vistos*... á evidencia, patentemente, de modo que todos vêm: Ficára-lhe molesto o peito, e *a olhos vistos* ia demudando. (Fil. Elys.) Este é o modo mais usual de escrever esta locução; mas alguns julgam melhor concordar o participio *visto* com o nome a que ella se refere, O QUE TODAVIA PARECE MENOS CONFORME COM A INDOLE DA LINGUA: Ao mesmo tempo que as minhas forças medravam *a olhos vistos*... (Castilho.) Prosperou *a olhos visto* o commercio de João Evangelista. (Camillo.)» (*Diccionario.*)

José Alexandre Passos:

«OLHO... D'este nome (além de outras) se forma a locução adverbial—*a olhos vistos*—, assaz expressiva, e equivalente a—*de um modo bem sensivel*, com evidencia.» (*Diccionario grammatical.*)

E o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro:

«Na expressão *a olhos vistos* querem alguns que o adjectivo *vistos* concorde, não com o substantivo *olhos*, mas com a palavra que indica o objecto que se vê, devendo dizer-se, por exemplo,—*elle cresce a olhos visto, ella cresce a olhos vista, elles crescem a olhos vistos, ellas crescem a olhos vistas*—, e não, empregando em todos os casos a locução *a olhos vistos*, como se faz geralmente.

«Essa maneira de pensar, que indubitavelmente mais se conforma com a logica, attenta a significação passiva do adjectivo *visto*, não está de accordo com o modo como sempre se exprimiram os nossos classicos. Ou se explique a irregularidade da concordancia pelo principio da euphonia, ou por uma especie de antiphrase se considere aqui o adjectivo TENDO UMA SIGNIFICAÇÃO ACTIVA (a olhos vistos, isto é, a olhos que vêm), ou em summa fazendo correr sempre com o mesmo cunho a expressão adverbial, o uso sancionasse por fim a concordancia antinomica, que abusivamente se introduziu na linguagem portugueza,—certo é que esta locução adverbial é tida hoje como corrente, legitimando-a o uso de escriptores de boa nomeada.» (*Grammatica portugueza philosophica.*)

Consequentemente, apezar da auctoridade de Castello Branco e Castilho, deve escrever-se a locução—*a olhos vistos*— sempre assim, com o participio no plural concordando com *olhos*.

VILHENA ALVES.

DISCURSO

PROFERIDO PELO SR. DR. ALVARES DA COSTA, ORADOR DA LOJA HARMONIA, NA SESSÃO MAGNA DE INAUGURAÇÃO DO TEMPLO AURORA, NO DIA 11 DE JUNHO.

(*Conclusão*)

É chegada a occasião de perguntarmos a nós mesmos a quem agradecer todo este surprehendente progresso que caracteriza o seculo XIX e, principalmente, o seu ultimo quartel.

D'onde partio o movimento progressista? Quem, primeiro, o impulsionou? Em que tempo e em que lugar começou o homem a sua evolução superorganica? A todas estas questões, fundamental cada uma d'ellas, podemos responder:—a Maçonaria, que nasceu na Asia, onde nasceu tambem a humanidade, sua coeva.

Um ligeiro retrospecto pelo passado põe em evidencia esta verdade, que a historia confirma com o seu auctorizado testemunho. O documento escripto mais antigo e, por isso mesmo, o mais valioso, que nos ficou d'esses longinquos tempos, é o *Pentateuco*, tratado de historia e de moral, que o legislador do Sinay legou á posteridade, depois de ter liberto o povo de Israel do captiveiro do Egypto, e em demanda da terra promettida de Chanaan, onde não conseguiu pizar.

Imperava n'esse tempo em Memphys a dynastia dos Pharaós, sob cujo dominio já existia a Maçonaria, vinda da India, dos mysterios brachmanes. Anteriormente ao rito egypcio, ou d'Osiris ou Isis, 2,900 annos antes de Christo, dividido, como muitos outros, em grandes e pequenos mysterios, e ao dos brachmanes, 5,000 annos, florescia na Persia o rito dos Magos ou sabios persas, hebreus e chaldeus, 100.000 annos antes da nossa era, e que foram os fundadores da Iniciação ou Maçonaria, que o Dr. Vassal definio a *Philosophia symbolica*. Em Balbeck, a Jerusalem maçonica, situada nos confins da Persia e da Judéa, reuniam-se os sabios da epoca, para, em segredo e longe da curiosidade publica, discutir e resolver importantes questões politicas, sociaes e religiosas. O seu principal objectivo era conservar impolluta a sciencia primitiva, formular dogmas e legislar para o povo, a quem, por conveniencias necessarias n'aquelles tempos, occultavam as verdades scientificas, que só por meio de symbolos lhe eram transmittidas. O primeiro e principal dogma, e d'onde nasceu toda a grande serie de preceitos moraes e religiosos de que foi tão fertil a seita maçonica, foi a crença em Deus Omnipotente, que apresentavam ao povo sob os dois symbolos do *Sol* e da *Natureza*: o primeiro considerado como o seu retrato, e o segundo como a expressão de suas vontades. Sobre este alicerce indestru-

ctível assentou-se a pedra fundamental da Maçonaria, que ha de perdurar por todos os seculos, emquanto perdurar no genero humano a crença no Creador do mundo.

A Maçonaria é, pois, a mais antiga das religiões, e a unica que tem, victoriosa e sempre forte, resistido aos embates do tempo. É tão antiga quanto a civilisação; por que esta não se teria operado, se aquella não se tivesse incumbido, desde a origem dos povos, da guarda das verdades scientificas, que, por seu intermedio, têm atravessado seculos e seculos, chegando á actualidade, desenvolvidas e aperfeiçoadas pela evolução que tem feito o pensamento humano. Todas as religiões que appareceram depois e se ramificaram por differentes epocas e diversas nações, tiveram sua origem nos mysterios maçonicos, d'onde nasceram tambem todas as philosophias e doutrinas moraes e religiosas que florescia e ainda hoje florescem no seio dos povos civilisados.

A moral hebraica, doutrinada no livro de Moysés, bem como as de Zoroastro, Salomão, Jesus Christo, Mahomet e muitos outros reformadores, foi bebida n'esse manancial de verdades, que tem alimentado a humanidade em todas as phases da sua civilisação, e que nunca se extinguirá, porque jorra do dogma da divindade, que é imperecível. Não somente as crenças, mas tambem o ritual maçonico passou para as diversas seitas religiosas que se organisaram depois, como ramos de uma mesma arvore. O culto interno e externo que se observa em todas as religiões, dominantes na antiguidade e ainda em nossos dias, não são mais do que ligeiras modificações do que na primitiva maçonaria se chamava grandes e pequenos mysterios.

O paganismo, que entre os romanos attingio á sua maior florescia, tornando-se religião official, foi tambem um descendente dos primitivos mysterios, mas um descendente espurio, producto do abuso que os thaumaturgos fizeram da linguagem figurada, a ponto de tornarem confusos o symbolo e a causa symbolisada. E por isso foi que o povo, credulo por indole e acostumado á instrucção symbolica, benefica nas mãos dos legitimos maçons, foi levado a tomar por verdadeiros os innumerados e variados deuses da mythologia grega e romana.

O catholicismo é uma ramificação do christianismo, como este foi da Iniciação primitiva, da qual herdou, além das crenças e cerimoniaes, o uso dos templos para as praticas religiosas. Ainda não vae muito tempo, no dia 1 de Maio ultimo, a população paraense assistio a reabertura de um templo catholico, a Cathedral de Belem, cuja belleza architectonica e sumptuosidade honram, não só á nossa capital, como tambem ao Brazil inteiro. Hoje a Maçonaria reune-se em grande gala para festejar com

toda a pompa e brilhantismo a inauguração de um templo maçonico, o que presentemente admiramos e que os esforçados obreiros da Ben... e Aug... Loj... Aurora erigem do Sup... A... do Un... Aquella e esta são reproducções e imitações de muitas outras inaugurações, sendo de notar, para maior gloria nossa, que o primeiro templo que na terra se elevou á gloria de Deus, foi um templo maçonico, erecto pelos primeiros adoradores do seu Creador.

O acto que hoje solemnizamos, jubilosos por vermos sempre de pé as tradições legadas pelos nossos antepassados, foi 100,000 annos antes de Christo solemnizado pela primeira vez pelos architectos da basilica maçonica. É de grande importancia e de alta significação abrir-se um templo novo, porque attesta que o culto do Bem, que é o apanagio e o lemma da nossa sublime ordem, não esmorece nem diminue, e que, sempre animada e valente, a Maçonaria de hoje esforça-se por conservar esse legado sagrado que recebemos dos nossos predecessores.

Bem hajam os filhos do trabalho, os apostolos da virtude! Bem haja essa heroica phalange de resolutos operarios, que cheios de fervor e virtudes maçonicas, e por um louvavel e imitavel esforço e grande dedicação á ordem, accenderam mais uma luz no sanctuario da Maçonaria, a quem sempre illumine e guarde o Sup... A... do Universo.

INSTRUÇÃO PUBLICA

REGULAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA E ESPECIAL DO ENSINO PRIMARIO DO ESTADO DO PARÁ.

(Conclusão)

TITULO IV

Disposições Geraes

Art. 238. A regulamentação do regimem interno das escolas, programma circumstanciado dos cursos e distribuição de trabalho e do tempo é da competencia do Director Geral, ouvido o Conselho Superior.

Art. 239. As escolas da capital serão classificadas numericamente por sexos e districtos, providenciando o Director Geral para que se distribuam mais ou menos igualmente pelos districtos.

Esta classificação de escolas deve ser approvada pelo Conselho Superior.

Art. 240. Os professores, como todo o pessoal da instrucção publica, ficam sujeitos por ausencias aos mesmos descontos que aos de-

mais empregados do Estado e segundo as formas para os mesmos determinadas.

Art. 241. O Director Geral organizará um Regulamento Geral para a secretaria da instrucção publica, dependente da approvação do Governador.

Art. 242. Nenhum livro será admittido no ensino primario, normal, secundario ou technico, sem ser approved e acceito pelo Conselho Superior da instrucção publica, devendo para merecer essa approvação estar de accordo com os programmas circunstanciados do ensino publico do Estado e com os progressos da litteratura escolar.

Art. 243. O Governo fornecerá ás escolas material indispensavel para a boa execução dos programmas de ensino.

Art. 244. Nenhuma escola elementar será creada a menos de tres kilometros de outra, e o Conselho Superior pode supprimir aquellas cuja frequencia durante um trimestre se verifique ser de menos de quinze alumnos.

Art. 245. É obrigatorio o registro dos titulos de normalista e de professores elementares na secretaria da Directoria Geral da instrucção publica. Este registro pode ser feito em qualquer tempo e é indispensavel aos que tiverem qualquer pretensão perante ella.

Art. 246. Os membros do magisterio publico, de qualquer dos grãos de ensiuo, bem como dos funcionarios da instrncção publica em geral, uão podem entrar em exercicio sem registrar os seus titulos na secretaria da Directoria Geral da instrucção publica.

Art. 247. O pessoal da Directoria Geral da instrucção publica receberá os vencimentos da tabella annexa, sob n. 1.

Art. 248. Os membros e mais pessoal do magisterio primario terão os vencimentos da tabella annexa sob n. 2.

Art. 249. Na Secre.aria Geral da instrucção publica regularão os emolumentos da tabella annexa sob n. 3, que serão cobrados pela Recebedoria do Estado para o fundo escolar.

Art. 250. Pode ser facilitado pelo Director Geral aos normalistas que queiram adquirir pratica e experiencia do ensino, servirem gratuitamente como adjuntos das escolas publicas, sujeitos entretanto aos mesmos deveres dos adjuntos remunerados.

O modo porque desempenharem esses cargos ser-lhes-ha certificado pela Directoria, sendo que terão preferencia para os logares de adjuntos e professores os que hajam servido por mais de um anno com assiduidade, dedicacção, aptidão e bom comportamento.

Art. 251. O attestado de frequencia dos professores primarios e elementares das localidades afastadas da séde dos municipios será passado pelo juiz de paz e em falta d'este pelo delegado ou subdelegado de policia, devendo, porém, ser enviado pelo Conselho Escolar.

Art. 252. A Directoria do Lyceu e da Escola Normal ficarão a cargo de um dos lentes d'aquelles estabelecimentos, que perceberão por esta commissão mais a gratificacção de um conto e duzentos mil réis annuaes.

Art. 253. Ficam revogadas todas as disposições relativas á instrucção primaria e dos professores primarios e dos Regulamentos da Escola Normal e do Lyceu Paraense, em contrario ao n'este disposto.

Palacio do Governo do Pará, 13 de Julho de 1891.

LAURO SODRÉ,

VARIEDADE

CONVERSÃO D'UM MADRACO

ENTRE-ACTO SCENICO ARRANJADO PELO DIRECTOR DO «ATHENEU PARAENSE» PARA RECREACÇÃO DE SEUS ALUMNOS.

SCENA I

(*Getulio assentado junto á banca, com a fronte apoiada nas mãos, e Augusto entrando.*)

AUGUSTO (*ainda fóra*)

Dás licença, Getulio? *Olô!* Vejo-te assim com ares de condemnado. Serão effeitos das *proesas* da gatunagem? Accaso roubaram o *ródaque* que usavas ha dois annos atraz, ou a caixa de relógio que trazes na corrente?

GETULIO (*levantando-se e pondo as mãos na cabeça*)

Deixa-me, Augusto, deixa-me: pois estou completamente *azucrinhado*.

AUGUSTO

Azucrinhado!? Que diabo de termo é esse?

GETULIO

É um termo sem termo, e quer dizer que estou machucado, magoado, acabrunhado...

AUGUSTO

Arrilhado, avexado, contrariado e todo o mais que acaba em *dó*. Mas vamos á causa: Porque tanto abatimento moral em quem tudo encara com indifferença? O correspondente não te deu dinheiro para as *sortes*, em Nazareth? Não *filaste* senha de camarote para o espectáculo de hoje?

GETULIO

Qual correspondente, nem camarote! Apanhei *raposa!*

AUGUSTO

É porque com certeza foste mais sagaz do que esse quadrupede. Mas onde apanhaste o bicho? No gallinheiro?

GETULIO

Acertaste; porque, para mim ao menos, o collegio não passa de um gallinheiro, onde só os gallos, que são os professores, gritam alto. Deixemo-nos, porém, de pilherias e fallemos sério. O que eu quero dizer-te é que levei *bomba*.

AUGUSTO

Levaste *bomba*? Então com certeza andaste correndo atraz de rabos de foguetes?...

GETULIO

Não cações, Augusto, não cações! O que eu procuro explicar-te, e que já debes ter comprehendido, é que fui reprovado nos exames.

AUGUSTO

Morreu o Neves, meu filho! Como não havias de ser reprovado se és um madraço de chapa?... Mas, emfim, conta-me como foi isso...

GETULIO

Ora como foi!... Os professores *fizeram banana*.

AUGUSTO

Tens uma giria especial... O que entendes por esta phrase — *fazer banana*?

GETULIO

Esta phrase significa não dar-se á Cesar o que é de Cesar; significa fazer injustiça...

AUGUSTO

Pois os professores e examinadores do *Atheneu*, moços cordatos e esclarecidos haviam de *fazer bananas*? Não, não acredito.

SCENA II

ARSENIO (*entrando*)

E fazes muito bem em não acreditar. Na classificação dos alumnos o director, professores e examinadores procederam com todo o escrupulo, imparcialidade e justiça.

GETULIO

Oh! Temos o grande sabio da Grecia. Tu dizes isso porque foste premiado.

ARSENIO

Tive essa honra, e me parece que merecidamente, de parte toda a modestia. O que é um premio collegial, por mais insignificante que o considerem, quanto ao seu valor intrinseco? — É um attestado de muita applicação e boa conducta, não é assim? — Pois bem: Não soube eu sempre as minhas licções? Não procurei conquistar a estima d'aquelles que nos estão proporcionando o «alimento d'alma»?

GETULIO

E eu? Não me portei bem? Não estudei com affinco?

ARSENIO

Ora *fóra d'ahi* o Borges, como diz o vulgo. Tu foste sempre muito *fóna*, tanto assim que diariamente te mettias em *mélla*.

AUGUSTO

Oh, que linguagem tão original! O que é *fóna*, Arsenio, o que é *mélla*?

ARSENIO

Mélla, no nosso dialecto collegial, é castigo. Ser *fóna* é ser mandrião, travesso, preguiçoso... é ser emfim o ultimo entre os collegas.

AUGUSTO

E tu és tudo isto, meu Getulio? E tu ainda não reflectiste maduramente nos sacrificios que teus paes fazem para dar-te uma boa instrucção e educação, — os bens mais preciosos deste mundo? E tu ainda não sonhaste com a gloria, só reservada aos homens de talento?

GETULIO

Instrucção!... Gloria!... Talento!... E do que vale tudo isso? Acaso enche barriga? Olha: — Camões expirou na miseria; o velho José Bonifacio foi expulso da patria; Tasso acabou n'um hospital, sem talvez ter *xixica* para comprar a *bóia*. Entretanto que qualquer *bilontra* que nunca pegou n'um livro, passa por ahi vida folgada e milagrosa: come, bebe, diverte-se e até *passa a perna* nos *sabichões*. Já vês que eu não sou tão *pêco*, como julgas, porque ao menos sei de cór estas historias d'outros tempos.

AUGUSTO

Estas tuas desastradas theorias destróem-se facilmente com a fabula do porco que consultado por Jupiter (assim como todos os outros animaes) sobre os seus desejos, respondeu estupidamente: — Quanto á mim, podendo comer e dormir, estou satisfeito! — As consequencias não se fizeram esperar: O leão dominou as florestas; o cão tornou-se amigo do homem; o sabiá é apreciado pelo seu canto; o cavallo pelos seus serviços; a rapoza pela sagacidade, etc., etc. O porco, porém, sempre de pança repleta, só procura os charcos, e até o seu proprio nome é repellente.

ARSENIO

Então o que dizes a isto, meu positivista de meia *tigéla*?... Nem ao menos elogias a banha do *mesmo senhor*?...

Fica certo, Getulio, o genio é como o judeu da lenda: caminha sempre fitando o porvir. — Soffre, é verdade, e soffre muito; mas tambem, na sua peregrinação terrena, deixa traços tão luminosos que servem de santelmo á humanidade. A Historia fez-lhe um dia justiça e a sua memoria é venerada por todos...

AUGUSTO

Não estragues inutilmente a eloquencia. Eu supponho que o Getulio está decidido a representar o papel de suino...

GETULIO

Não, meus amigos. Todas as palavras que acabaste de proferir callam-me n'alma, fazendo-me comprehender a enormidade das minhas faltas. Eu sou o verdadeiro filho prodigo que abandonou o lar da sciencia — o collegio, para entregar-se á ociosidade «que é a mãe de todos os vicios» Oh! Mas eu prometto solemnemente, pela santa amisade que nos une, pelo muito que devo a meus paes, que d'ora em diante serei um dos mais assiduos e

submissos frequentadores d'esse templo magestoso em que os sacerdotes do progresso — os professores — repartem diariamente a hostia da instrucção.

ARSENIO

Bem haja a tua resolução, meu umigo! Eu applaudo-a, e felicito-te de imo d'alma, sellando com um abraço a manifestação do meu contentamento. (*Abraça-o.*)

AUGUSTO

Meus amigos! Disse alguém que um momento de sincero arrependimento expia seculos de faltas. Esqueçamos, pois, o passado, e entreguemo-nos ao contentamento presente. A transformação que acaba de operar-se vale bem uma annistia plena. Abraça-me, pois, Getulio, (*abraçam-se*) e agora... soltemos um *urrha!* entusiastico á tua conversão: — Viva a ovelha desgarrada que tornou ao verdadeiro aprisco!

TODOS

Viva!

SCENA III

(*Entram Filinto e Oscar*)

OSCAR

Então que pagodeira é esta em plena sexta-feira? Tiraram a sorte grande?

FILINTO

Descobriram na *Folhinha* dia santo com duas cruces, ou foram convidados para algum *fórróbódó?*

AUGUSTO

Nada d'isso. O caso é mais serio do que vocês pensam: Festejamos um facto transcendental, um acontecimento jubiloso para nós que somos amigos intimos: a metamorphose cabal de Getulio — De madraço que era tornou-se hoje um homem de senso, um estudante ás direitas: Assim o protestou solemnemente, e assim o fará, nós acreditamos.

OSCAR

Effectivamente é um acontecimento de *arromba*, e por isso... tóque, *seu* Getulio. (*Aperta-lhe a mão*). Eu já previa isto, maganão! Quem como tu, apesar do genio excessivo folgazão, tem uma intelligencia fecunda e uma alma tão nobre, não podia por muito tempo deixar de reconhecer o caminho errado que levava. Presiste no teu novo proposito, e serás feliz.

FILINTO

Mas que diabo! Estamos nós aqui a fazer *fallação*, como em qualquer parlamento, quando isto é bem dispensavel entre collegas que se estimam. Abraça-me tambem Getulio, (*abraça-o*) e quanto ao mais... viva a pandega e *ronque a pancadaria*, como dizia o velho Ricardo, que Deus haja.

(*N'este momento ouve-se o côro da «Marselhesa do estudo», verso do mesmo autor d'esta peça e musica do maestro Bernard.*)

OSCAR

Que hymno é este? O que significa elle?

ARSENIO

É o hymno das aguias do futuro que esvoaçam contentes no céu da patria; é o *côro* da infancia que vem casar-se com as nossas expressões de jubilo: é, emfim, a *Marselhesa do estudo* chamando-nos á postos. Acompanhemol-a de joelhos, e depois... á lucta pela sciencia!

(*Ajoelham-se e cantam os dois ultimos versos da «Marselhesa do estudo» cahindo o panno logo que elles se erguem, saudando á Patria e o novo converso da sciencia.*)

R. BERTHOLDO NUNES.

NOTICIARIO

O Brazil.—Apresentou-se á liça da imprensa mais um companheiro, que tomou por nome o que abre esta noticia e diz-se exclusivamente — *orgão litterario*.

É do seu artigo de fundo o seguinte periodo que transcrevemos:

«A litteratura no Pará, se não está morta, está pelo menos anestesiada pelo entorpecimento a que deu lugar a falta de gosto pelas lettras e de amor pelo trabalho.»

O joven collega devia ter levado a sua analyse um pouco mais adiante. No mundo moral, como no mundo physico, as causas e os effeitos dos factos se encandeiam: —o effeito de uma causa torna-se por sua vez causa de novo effeito, e assim successivamente. O novel colleguiha, para ser completo, já que indicou o effeito da *falta de gosto pelas lettras e de amor pelo trabalho*, devia ter tambem indigitado a causa por seu turno, d'esta mesma falta. Pedimos, pois, licença para concluil-o.

Entre nós, amavel collega, essa enorme e gravissima *falta de gosto pelas lettras e de amor pelo trabalho*, que mui acertadamente notastes, teve por pae o empenho nos exames de preparatorios, por mãe a condescendencia dos examinadores, por berço negro e triste o vergonhoso escandalo e por patria a immoralidade.

Desde o momento em que o joven preparatoriano tinha a certeza de ser approvado, ou porque era filho do doutor *Fuão* ou por ser neto do *barão Sicrão*, abandonava os livros e entregava-se aos brincos da idade, perdendo assim o *gosto pelas lettras e o amor pelo trabalho*.

Este pessimo costume chegou a um extremo tal de *franqueza* que não só eram de vespera indicados os pontos em que versaria o acto do dia seguinte, como até certos paes zangavam-se com os lentes quando lhes reprovavam um filho que *fiascara* em seu exame!!...

A aprovação não era mais a significação do merito, nem as suas gradações, a recompensa do talento e o premio da applicação: era ou simples galanteio ou uma retribuição do obsequio, por parte do examinador ao recommendante, na pessoa do recommendado.

E tanto esta é a verdade que apenas bastou uma primeira época de exames de preparatorios, feitos com severidade, para que de novo a mocidade se votasse um pouco mais dedicadamente aos seus estudos, e começasse outra vez a adquirir, como eloquentemente attesta o BRAZIL, o gosto pelas lettras e o amor pelo trabalho.

Longa vida e muitos fructos: eis os nossos almejos.

Elementos de Geographia Geral — Os ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA GERAL por Ferreira Deusdado, professor de Geographia, Historia e Philosophia, em Portugal, podia ser um bom livro, um optimo guia no ensino secundario d'esta materia, si não abundasse n'elle graves incorrecções de methodo.

A Geographia é uma sciencia por excellencia completa, originada de muitas outras, que lhe fornecem varios contingentes de organização e extenção; é um verdadeiro estuario, alimentado por diversas fontes. A coordenação methodica d'estes multiplos elementos consiste em grupal-os de maneira tal que o desenvolvimento de um encontre apoio no que o precede e sirva de base ao que o segue. No proprio estudo de cada uma d'estas differentes partes, umas devem preparar ás outras.

Este processo que não é novo, de compendiar uma sciencia, tem a grande vantagem de facilitar-lhe o ensino, *maximé* quando se trata de alumnos ainda nas idades em que as faculdades intellectivas não estão bem desenvolvidas, como o são sem duvidas educandos do curso secundario. É de bom conselho fazel-os subir gradual e insensivelmente na escala dos conhecimentos, de modos quealcan cem o fim sem muito esforço e pelo caminho mais facil.

Entretanto, muitas vezes o Sr. Deusdado modifica este methodo todo racional e necessario, com manifesto prejuizo dos seus — ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA GERAL — É assim que na «*divisão da superficie do globo em continentes, partes do mundo e oceanos*», — intercala noções sobre «*atmosphera, linhas isothermicas e climas*», que melhor lugar achariam entre os seus estudos sobre «*estações e zonas*».

Ainda subordinadas á mesma *divisão* e antes de iniciar a descripção geral dos «*vulcões*» encontra-se ideias geraes sobre «*circulação athmospherica*», que ficariam certamente muito melhor no lugar em que o autor se occupa da *atmosfera*.

O mesmo defeito se nota no estudo da Geographia physica, cujas lições principiam pela hydrographia, quan-

do devera começar pelo conhecimento geral dos paizes, pelas peninsulas, ilhas, cabos e montanhas, pois é sabido que o ensino completo ou perfeito d'aquella parte é dependente d'estas e não vice-versa. Exempliquemos, tomando ao acaso dois rios: — *O Vistula nasce nos montes Carpathos; atravessa a Austria, a Russia e a Prussia* (paizes de que o autor ainda não se occupou até esta parte dos ELEMENTOS); *banha Cracovia, Varsovia e Thorn* (cidades de que o autor não fallou ainda); *precipita-se no golfo de Dantzig...*

«*O ELBA nasce nos montes Carpathos; atravessa a Austria, Allemanha e Prussia; extrema o Hanovre* (uma subdivisão prussiana) *do Mecklemburgo* (uma subdivisão da Allemanha) *e da Dinamarca* (um outro paiz não visto ainda); *banha Dresden, Wittemberg, Desseau, Magdeburgo. Lauenburg, Altona e Glukstadt* (cidades allemãs só estudadas na geographia politica); *desemboca no mar da Allemanha* (nome este não encontrado na lista dos mares e golfos da Europa citados pelo autor).

Ora, só nestes dois exemplos vemos quantas cousas desconhecidas para o estudante dos — ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA GERAL — o obriga o respectivo compositor a decorar antecipadamente para a sciencia d'estes dois unicos rios. Ainda mais. Na propria hydrographia, o Sr. Deusdado occupa-se dos *lagos* depois dos *rios*, quando sabe-se haver diversos rios que se lançam em lagos, e que, por isso, o conhecimento d'estes deve preceder ao d'aquelles.

Não ha, pois, uma disposição encadeada, que tão indispensavel se faz em uma sciencia que exige tanta memoria.

Notamos tambem uma grave lacuna na questão dos *limites*, em que o illustre professor contenta-se em enunciar unicamente os nomes das partes limitantes, seguidamente em uma lista, sem dizer quaes são as que ficam ao Norte, quaes as que estão ao Sul, quaes as que se acham a Leste ou a Oeste.

Eis como o Sr. Deusdado abre o estudo da

GEOGRAPHIA PHYSICA

EUROPA

«*Limites* — A Europa é limitada:

«*Pelo Oceano GLACIAL ARTICO,*

«*Oceano ATLANTICO,*

«*Estreito de GIBRALTAR,*

«*Mar MEDITERRANEO,*

«*Estreito dos DARDANELLOS,*

»*Mar de MARMARA,*

«*Canal de CONSTANTINORLA,*

«*Mar NEGRO, CORDILHEIRA DO CAUCASO,*

«*Mar CUSPIO, RIO URAL, MONTES URALES, RIO KARA.*»

E mais nada. De maneiras que o alumno gastará um tempo enorme para encontrar no seu Mappa tantos estreitos, mares, rios e montes de que ainda o autor não se occupou na sua obra. Ora, o bom compendio é aquelle que não só poupa tempo ao estudante, como economisa esforços e trabalho ao lente.

Não deixou tambem de provocar-nos a attenção a denominação que lemos de — *posição astronomica*, — dada ás latitudes e longitudes geographicas de um paiz qualquer sobre o globo. Nós escreveriamos com mais propriedade talvez, se não com mais acerto, — *posição geographica*, — deixando o qualificativo *astronomica* para a posição dos astros na esphera celeste.

Emfim, certos assumptos ha a que seu autor dedica uma tal ou qual minudencia, não só além dos limites da Geographia, como improprios em uns ELEMENTOS d'esta sciencia, e sobretudo quando olhamos a idade para que foram elles organizados. Assim: antes da — «INTRODUÇÃO Á GEOGRAPHIA PHYSICA», — o Sr. Deusdado fornece uma longa e detalhada nomenclatura *xerographica e hydrographica*, que melhor ficaria no final da sua obra, em forma de appendice e com honras lexicographicas. Julgamos em demazia pesado para o alumno e sem grande proveito ou utilidade, o decorar uma lista enorme de symnonimos, como taes: «ALFROZ, CHÃ, CHAPADA, PLANICIE, PLANURA são os termos applicados ás planicies sem ondulações...

«BOSQUES, FLORESTAS, MATAS e SELVAS são vastas extensões de terra cobertas de arvoredos(?)..

«MORRO, CABEÇO, SERRO, COLLINA, OUTEIRO são as elevações de menos de 200 metros... E por aqui vae em uma extensão superior a 10 paginas!!

A latitude concedida ao estudo das differentes linguas e das raças e typos humanos, antes de entrar na Geographia politica, é demaziada para uns ELEMENTOS, e só ficaria bem nos tratados de linguistica e da sciencia ethnographica. As linguas, particularmente, são divididas pelo autor em *familias*, estas em *ramos*, estes, em *grupos* e cada grupo nas varias *formas*.

Na parte — CARTOGRAPHIA, — em vez de explicações sobre as diversas especies de *projecções*, cuja perfeita comprehensão e pratica demandam certos estudos geodesicos que o alumno de preparatorio não pode ter, preferiríamos dar os *diagrammas* das cartas geraes e particulares á cada nação, aconselhando o exercicio constante d'estes desenhos. A cartographia, no curso secundario, tem por fim não preparar o estudante para levantamentos de cartas, mas facilitar-lhe o estudo da Geographia, fazendo-o gravar bem na memoria a configuração e as differentes modificações que caracterisam o aspecto de cada paiz.

Feitas estas importantissimas e imprescindiveis alte-

rações, — OS ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA GERAL — do Sr. Ferreira Deusdado, nitidamente impresso e ricamente illustrado, prestar-se-hão perfeitamente ao fim a que são propostos.

Agradecemos cordialmente aos Srs. R. L. Bittencourt & G.^a a offerta que nos fez de um volume d'este trabalho, mas não o aconselhamos a estudante algum, antes das modificações aos defeitos que indigitamos.

Faculdade de Direito — Devido á iniciativa de alguns distinctos advogados, entre os quaes o nosso collaborador, Dr. Alvares da Costa, projecta-se fundar n'esta capital uma Faculdade de Direito, onde a mocidade paraense e a dos Estados visinhos encontrem, com maior facilidade economica, um honroso diploma que a habilite para as nobres carreiras da advocacia, magistratura e diplomacia. Nada melhor lembrado, nem mais digno de louvores e applausos do que a tão opportuna idéa, que pretendem levar a effeito com o fim patriotico de dotar o nosso Estado, tão florescente e prospero em todos os ramos de actividade, com um estabelecimento d'esta ordem, que virá estabelecer entre nós o estudo das sciencias superiores, descurado até hoje. O Congresso Legislativo paraense, cujo patriotismo e amor a tudo quanto é util e proveitoso tem se manifestado tantas vezes, não deixará de tomar na devida consideração um tão importante melhoramento intellectual, que necessita para a sua realisação do auxilio do Estado, cujos fartos recursos permittem-lhe promover o seu engrandecimento, devendo cuidar tanto ou mais da sua prosperidade intellectual do que da material. Grandes talentos e pronunciadas vocações tão frequentes na zona amazonense, não continuarão, como até hoje, condemnadas a ficarem estioladas por falta de cultivo, que só estava ao alcance dos que disposessem de recursos para, longe da terra, da familia e dos amigos, irem procurar uma instrucção superior e conquistar, a custa de grandes sacrificios pecuniarios, um titulo scientifico, que lhes garantisse a vida, dando-lhes na sociedade uma posição definida.

Ligados por profissão á instrucção publica, desejamos ardentemente que, o mais breve possivel, se traduza em facto tão grandiosa quanto louvavel idéa.